

# Tantas não-respostas

So many non-response

\*Laurent Dubreuil

---

**Resumo:** A questão que nos é endereçada, a mim, como aos outros colaboradores deste número de revista, não é minha em nenhum caso. Mas eu sei que ela interessa, e eu concebo que, apesar das minhas restrições, ela também me diz respeito. Isto que me disponho a escrever constitui as palavras de um agnóstico. Eu não acredito nem à, nem em, nem na “filosofia-francesa”.

Palavres-chave: Sistema. Filosofia francesa. Filosofia. Filósofos.

**Abstract:** The question addressed to us, to me and the other contributors to this issue of *Veritas/Les Temps Modernes*, is not mine at any rate. But I know it sparks interest. And I imagine that, despite my own preventions, it has to do with me, as well. What I am about to write are thus the words of an agnostic. I do not believe in “French-philosophy” in any way whatsoever.

**Keywords:** System. French philosophy. Philosophy. Philosophers.

---

*Num tom particular, cada um dessas não-respostas pode ser lida separadamente ou na sequência de uma exposição atrapalhada.*

## 1 (Problemática)

“Seria ainda necessário colocar-se de acordo sobre aquilo que seria a “filosofia francesa””, diz o filósofo (francês). Com o risco, todavia, de que

---

\* Antigo aluno da École normale supérieure (Paris), Laurent Dubreuil é doutor em literatura pela Université Bordeaux-3, e também doutor em filosofia e estudos femininos pela Université Paris-8. Atualmente, é professor de literatura comparada, estudos romanos e ciências cognitivas na Cornell University. Antigo editor chefe da revista francesa interdisciplinar *Labyrinthe*, desde 2010 ele é diretor de *Diacrítica*. Autor de oito livros na encruzilhada da filosofia, epistemologia, crítica e ficção literária. Entre eles, *À Force d’amitié* (Paris: Hermann, 2009), *Le Refus de la politique* (Paris : Hermann, 2011), *The Intellectual Space: Thinking beyond Cognition* (Minnesota: Univ. of Minnesota Press, 2015).

esta *filosofia francesa*, naturalmente, não exista. E a dúvida consiste em que não se possa, realmente, colocar-se de acordo.

A questão que nos é endereçada, a mim, como aos outros colaboradores deste número de revista, não é minha em nenhum caso. Mas eu sei que ela interessa, e eu concebo que, apesar das minhas restrições, ela também me diz respeito. Se fosse necessário crer nesta filosofia francesa, de onde viria, se não a sua particularidade, ao menos uma certa marca de reconhecimento, – ou seja, alguma consistência? Eu vejo três respostas tradicionais que, divergindo, talvez não se separem tanto umas das outras. Existiria, então, uma filosofia *de língua francesa*,<sup>1</sup> que incluiria a maior parte dos livros de Leibniz ou de Tranc Duc Thao, mas não o *Sic et non* de Abelardo, nem as *Meditações metafísicas. Francês* valendo igualmente por uma qualidade política, associado a um país, uma nação, um Estado, uma história coletiva, o termo “filosofia francesa” iria também do *descritivo referencial* (Descartes nasceu em Tours, ergo etc.) à prescrição de uma identidade subjacente, definidora, e quase racial (uma forma de *espírito francês*). Poderíamos, enfim, apontar, sem precisar isolar um *quidditas Gallica*, que, ao menos, desde a renascença, formas pedagógicas elitistas, uma perspectiva polimática no ensino, bem como uma distribuição social de disciplinas e de honras editoriais conservou uma coerência tal que se constituiriam, por sedimentação e retomadas sucessivas, em uma *maneira* local de filosofar.

Nenhuma destas delimitações satisfaz. Nenhuma restringe-se ao próprio texto separado das situações que lhe permitem e delimitam. Nenhuma, ainda, restringe-se aos “dados” ou ao referente (é necessário que a maneira ou o espírito sejam tão facilmente dedutíveis de *um* contexto). Cada uma é parcial; ou o conjunto das três não é melhor. Como para muitos, imagino, a qualificação pela língua apraz-me, sobretudo, *a priori*, a qual, infelizmente, imiscui-se no interior de certos autores e ignora esses *Doppelgänger* produzidos pela tradução e circulação: por exemplo, o devir americano de Derrida influenciando sobre seus escritos francófonos, ou o velho Martin Heidegger hexagonal. Não acreditando no gênio nacional, eu não saberia, no entanto, negar a incidência da sua quimera. Quanto à estratificação social-teórica – ela poderia, além disso, formar uma versão derivada, ou seja, verdadeira, deste mesmo espírito – quanto a esta formação pela escola, pela edição, pela tradição, pela estruturação social, se eles não condicionam o todo de um pensamento,

---

<sup>1</sup> A ideia foi também aceita pela coleção do “Corpus des oeuvres de philosophie en langue française”, publicada em Paris pela editora Fayard de 1984 a 2005, sob a direção de Michel Serres, autor de um *Éloge de la philosophie en langue française*, Paris, Fayard, 1995.

não nos enganaríamos a ponto de declarar-lhes simplesmente ausentes? Pois o devo confessar, eu nunca sei demais, visto que eu identifico três razões de um fenômeno, qual é a medida exata de minha análise e a parte da minha formação *khâgnale*.<sup>2</sup>

Isto que me disponho a escrever constitui as palavras de um agnóstico. Eu não acredito nem à, nem *em*, nem *na* “filosofia-francesa”. Eu não tenho, em todo caso, a força, a bravura, nem o bruto disparate de destituir o enunciado *de um bloco*. Será necessário que eu escreva no condicional.

## 2 (Doxografia)

Destas possíveis entidades nomeadas *filosofia francesa*, podemos tudo dizer, desde que busquemos encontrar-lhe um ou os sentidos. De fato, tudo foi dito, ou quase. Que neste corpus reina uma postulação anti-científica, irracionalista, ou seja, mesmo mística (de Malebranche a Michel Henry); que os melhores autores são tão atentos às ciências, tais como Pascal, Comte, Bergson, etc.; que aí domina uma corrente de rebelião contra a instituição da filosofia, do pirronismo de Montaigne ao repúdio reiterado por Descartes de assumir uma cátedra universitária, ou à obra de Derrida; que não se está nunca longe da literatura com a maior parte dos autores já citados e, com certeza, Rousseau, Merleau-Ponty, Sartre, ...; que uma relação de elucidação de predecessores percorre-a muito mais que fora dela (um fora que seria “a filosofia analítica”), os comentários dos *Essais* à história da filosofia em Deleuze; que aí insiste uma forte negatividade, aquela que manifesta a dúvida hiperbólica irradiando mesmo depois do reestabelecimento de Deus, ou a celebração do *desentendimento* na política com um Jacques Rancière. Eu poderia alongar a lista. Através de mil exemplos, tanto quanto contraexemplos (ou mais?). Eu vou cientemente abordar *um* traço.

A filosofia francesa, entendo eu, possuiria um mal muito particular com a sistematicidade. Existiriam exceções, de acordo, mas, *em geral*, ter-se-ia algo como um recorrente defeito de sistema, ou seja, uma falta quase sistemática. Uma espécie de desdém, de negligência ou de impedimento, evitaria à filosofia francesa dar-se amplificadamente as formas do Sistema. Eu imagino, ao mesmo tempo, um geometrismo demonstrativo, um logicismo que, por surgir, de fato, em Leibniz, Badiou ou a promoção contemporânea da analítica *Made in France*, não alcançaria, portanto, o desencadeamento totalizante de um Spinoza ou de um Carnap; – e

<sup>2</sup> [N.T.] Classes literárias preparatórias para concurso de admissão às *Écoles Normales Supérieures*.

a esta capacidade de abrigar enormes tratados que compreendem alternadamente os aspectos imbricados de um problema. Na França do século dezenove, Victor Cousin, um dos melhores conhecedores dos primos germanos sistemáticos – Kant e Hegel –, produz, portanto, como principal obra os *Fragmentos filosóficos* e propõe o *ecletismo* no lugar da santa Síntese. Assim, esta tendência da filosofia francesa de recusar-se à sistemática, esta tendência aqui majoritária – dizendo-se frequentemente *minoritária* no seio “da” filosofia – indicaria algo como uma *dobra [pli]*, que uma vez feita,<sup>3</sup> perduraria para a maioria. Daríamos *razão* a Bergson que dizia dela, justamente: “Ela repugna, frequentemente, a tomar a forma de um sistema”.<sup>4</sup> Mesmo que Bergson defendesse neste texto patriótico um gênio hexagonal, que contrasta com as formas do inimigo hereditário, a saber, a Alemanha. Ou mesmo, antes disso, deveríamos interrogar-nos sobre esta quase sistemática desvinculação frente aos sistemas, e sobre suas possibilidades, suas potencialidades. Seria o caso de que “ironizar a filosofia é verdadeiramente filosofar” e, que uma parte do corpus francês ratifica esta frase, fazendo sua conduta contrabandista? Mas, então, o que pensar da inclinação sistemática, tão enunciada lá, ao que parece, e também *aqui*?

Como hesito em responder as questões de meu parágrafo condicional, eu difiro de algumas linhas. Por adjacência, este retrato de uma linhagem textual e intelectual na história da filosofia publicada em francês, e desde, ou por, este país do qual porto a nacionalidade sem mais lá residir, sim, este retrato, por arrependimento, nele reconheço-me, quase. Além disso, nele encontro os elementos de uma fraseologia universitária, segundo a qual, no fundo, toda esta filosofia francesa – a contemporânea, sem dúvida, mas não somente – aparentar-se-ia à *bricolagem*, ao *ensaísmo*, mesmo à *buffonnerie*. Desaprovação feita de toda parte, que não se contenta em reforçar os provincialismos locais (a filosofia anglo-saxônica contra *Derrida's antics*, posição sempre amplamente constitutiva do poder “acadêmico” nos Estados Unidos<sup>5</sup>), mas muito serviu na França

<sup>3</sup> A questão neste sentido da dobra [pli] remete ao que diz François Jullien sobre as direções da filosofia grega e da “sabedoria chinesa”.

<sup>4</sup> Henri Bergson “La philosophie française” (1915-1933), in *Mélanges*, Paris, Presses universitaires de France, 1972, p. 1187. [“Ela frequentemente tem aversão a tomar a forma de um sistema.” BERGSON, Henri. A filosofia francesa. Trad. Silene Torres Marques, in *Trans/Form/Ação*, v. 29 n. 2, Marília, 2006. p. 270.]

<sup>5</sup> As buffoneries (*antics* em inglês) de Derrida são denunciadas em uma célebre carta publica em 9 de maio de 1992 pelo Times de Londres, preparada por Barry Smith e assinada por numerosas personalidades (dentre elas Quine), com o objetivo de impedir a atribuição de um doutorado *honoris causa* pela universidade de Cambridge ao filósofo. A frase, na perspectiva da *fraqueza* francesa, merece a citação: “as buffoneries [de ‘M. Derrida’] contribuíram de maneira significativa para estabelecer-se a impressão de que a filosofia francesa contemporânea não é nada mais que um sujeito de divertimento”. (Cá e lá eu traduzo ao francês as outras línguas que cito)

universitária para impulsionar os pequenos herdeiros putativos de Wittgenstein na partilha dos preventos. Em paralelo, o defeito de sistema tornar-se-ia, além disso, responsável deste movimento, desde mais de um século, entre os filósofos franceses patenteados (entenda-se *agregados*), em direção das disciplinas das ciências sociais: Durkheim, Mauss, Lévi-Strauss, Bourdieu, Foucault, Augé, etc. A *falta* inscrita na tradição levaria seja à traição disciplinar, seja à constatação de que a obra da filosofia deve ser perseguida por outros meios além dos seus, dada a sua inaptidão em efetivamente tratar do entendimento do todo. – Nada impede de considerar que as ressonâncias esboçadas entre uma qualificação conjectural e uma fraseologia naturalmente hostil sejam outra coisa que um signo de ortodoxia. Em suma, e por enquanto, não teríamos deixado o domínio da opinião recebida; e *nada* da filosofia seria, por ora, considerado.

### 3 (Parabólico ou parabólica)

Eu gostaria de ver se, alguma vez, uma “outra” filosofia que a *francesa* mantém relações diferentes aos sistemas. Valeria a pena inquerir-se sobre a *falsafa*, de ver a que ponto é exemplar a exposição de Averróis, de ver seu contratipo na escolástica medieval da Europa. Ou questionar se Nietzsche, Schleiermacher ou Adorno são tão sistemáticos como lhes prediz sua suposta germanidade. E, inclusive, se Kant realiza aquilo que ele pretende. Eu tomaria outro ponto de apoio, aquele que é “a” filosofia *grega*, este corpus reportando-se ao próprio nome de uma atividade que continua a indicar-se um helenismo. A observação banal sobre a origem linguística do termo *filosofia*, o simples reconhecimento de um corpus grego, aos quais são referidos, fundamentalmente, todos os movimentos ditos *filosóficos* desde os romanos, não autoriza de modo algum a considerar-se que, em nós, a filosofia fala grego, nem que os pré-socráticos, pela sua antiguidade, sejam mais próximos da verdade originária situada neste idioma particular. Estas concepções, provindas de Heidegger, não têm, no fundo, nenhum valor. Em contrapartida, é interessante auscultar um pouco os exercícios que se nomeavam *filosofia*, as razões de uma tal designação, as consequências desta. Quem sabe, então, se a famosa e constitutiva falta de sistema de “a filosofia francesa”, é, a este ponto, inédita?

*Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*,<sup>6</sup> de Diógenes Laércio, constitui uma impressionante compilação de fatos biográficos, anedotas e doutrinas.

<sup>6</sup> [N.T.] LAÉRCIO, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UNB, 1988.

Redigido no momento em que a filosofia grega está *in articulo mortis*, este manual defende, como o fará na sequência o filósofo de Friburg, uma especificidade e unidade helênicas. A galeria dos augustos antepassados apresenta uma meta estratégica, celebração de um filão grego. É, apesar de tudo, difícil para Diógenes silenciar a ideia, amplamente admitida e particularmente defendida por Aristóteles (em livros hoje perdidos), que da *filosofia*, a designação é grega – e não necessariamente assim segue. O *incipit* das *Vidas* apresenta esta tese combatida, enquanto exprime-a de maneira surpreendente: “A obra da filosofia, alguns dizem que ela começou com os Bárbaros?” (*Vitae Philosophorum* I, 1). Por Aristóteles, mas não apenas, anexa-se à *filosofia* formas de saber que tiveram lugar na Babilônia, em Chaldée, na Índia, entre os Celtas, no Egito, etc. Diógenes desenvolverá mais amplamente as grandes interpretações deste tipo (id., I, 6-11). Ele pode dar voz a estas teorias, pois todo o resto de sua obra identificará, contrariamente, a filosofia com a reflexão grega. Muitos argumentos justificam seu corpus de estudo, diz ele. Primeiramente, os gregos inventaram a filosofia, visto que criaram o homem tal qual é: “Estes autores [que indicam uma origem ‘bárbara’] não lograram os feitos Gregos – entre os quais não apenas a filosofia, mas sim o gênero humano começou –, eles agrilhoaram-se aos Bárbaros”<sup>8</sup> (id. I, 3). A visão de uma formação conjunta (aparentemente *ex nihilo*) da liberdade, o pensamento, a arte, a democracia, etc., ideia que perdura ainda, contribui às declarações de autoctonia de Diógenes. Outra “prova” da *arkhè* grega reside no “nome mesmo” de *filosofia*, e na ausência de uma “designação bárbara” equivalente (id. I, 5). Com Heidegger também, “nós entendemos a palavra ‘filosofia’ desde a sua origem”; e “esta palavra grega [...] enquanto palavra grega”<sup>9</sup> tinha por consequência a mesma exclusão dos Bárbaros: “O Ocidente e a Europa, e apenas eles, são, no curso de mais íntimo de sua história, originariamente ‘filosóficos’”.<sup>10</sup>

<sup>7</sup> [N.T.] “Segundo alguns autores o estudo da filosofia começou entre os bárbaros” LAÉRCIO, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UNB, 1988, p. 13.

<sup>8</sup> [N.T.] “Esses autores ignoram que os fatos por eles atribuídos aos bárbaros pertencem aos helenos, com os quais não somente a filosofia, mas a própria raça humana começou” LAÉRCIO, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UNB, 1988, p. 13.

<sup>9</sup> Martin Heidegger, *Was ist das – die Philosophie?*, Pfullingen, Neske, 1956, p. 12. Para as duas citações. [“Se, porém, agora não mais empregarmos a palavra filosofia como um termo gasto; se em vez disso escutarmos a palavra filosofia em sua origem, então ela soa *philosophia*. A palavra grega é enquanto palavra grega, um caminho” HEIDEGGER, Martin. *Que é isto – a filosofia?* Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Editora Pensamento, 1971, p. 20.]

<sup>10</sup> Id. p. 13. [“O ocidente e a Europa, e somente eles, são, na marcha mais íntima de sua história, originariamente ‘filosóficos’” HEIDEGGER, Martin. *Que é isto – a filosofia?* Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Editora Pensamento, 1971, p. 21]

Por uma dupla necessidade ontológica e linguística, Diógenes Laércio definiu uma origem helênica. Ele atribui, em seguida, a fonte direta do neologismo a Pitágoras: “Pitágoras emprega primeiramente a palavra *filosofia* e, para ele mesmo, de *filósofo* [...] visto que não há um sábio [*sophos*] senão o deus. E ele preferia designar de *sabedoria* e de *sábio* [*sophos*] aquele que é conveniente a esta última e cuja alma aspiraria ao mais alto grau de perfeição – e *filósofo*, àquele que ama a sabedoria<sup>11</sup>” (id. I, 12). A principal unidade da *filosofia grega* (e esta unidade não é imensa) consiste em seu nome. Pois, ora, este nome, *filosofia*, é relativamente tardio, em todo caso, posterior àquele de *filósofo*; os dois não são contemporâneos, contrariamente ao que anuncia Diógenes e celebra a tradição. A explicação de *philo-sophia*, como *amizade do saber* é um reparo. Ela age ainda em *Qu'est-ce que la philosophie?* De Heidegger, também no de Deleuze e Guattari, mediando na ocorrência uma precoce subscrição dos fantasmas antropológicos da escola de Jean-Pierre Vernant. Ela pode seguramente dotar-se de uma significação conceitual. Mas eu acho mais interessante perguntar-me por que *filósofo* surge antes de *filosofia*, e sobre aquilo que isto nos dá a pensar.

Quando *philosophos* emerge, por exemplo, em Heráclito,<sup>12</sup> a proposta, além das relações com uma obra já aberta pelos Bárbaros, é marcar uma ruptura. O que significa *filósofo* é que não há mais *sábios* [*sophoi*], e que os continuadores de uma reflexão, de uma atividade, de um modo de vida mais antigos são, de agora em diante, próximos companheiros dos sábios – quase idênticos, mas não exatamente o mesmo. O *filósofo* designando-se em grego é, primeiramente, *amigo do (ou dos) sábio(s)*, e não este “amigo da sabedora, do verdadeiro ou do conceito”,<sup>13</sup> nem aquele que “recolhe” “o ente no ser”<sup>14</sup>. Lá onde Heidegger vê, justamente, que as premissas da *filosofia* são um arranjo, uma saída de um estado anterior. Mas nada estabelece que aí haja, para todos, uma “nostalgia”

<sup>11</sup> Os comentadores colocaram em dúvida a verdade de doutrina desta proposta e consideraram que Pitágoras teria sido refeito a partir das posições de Platão. Cf. a menção feita por Anne-Marie Malingrey, “*Philosophia*”, Paris, Klincksieck, 1961, p. 29-32. Cf. também a vida de Pitágoras de Diógenes Laércio, *Vies*, VIII, 8 particularmente. [“Pitágoras foi o primeiro a usar o termo e a chamar-se de filósofo; com efeito [...] homem algum é sábio, mas somente Deus. Imediatamente esse estudo passou a chamar-se de sabedoria [...] para significar que a atingira a perfeição no tocante À alma, enquanto o estudioso dessa matéria recebia o nome de filósofo” LAÉRCIO, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UNB, 1988.]

<sup>12</sup> Cf. o fragmento 35.

<sup>13</sup> Gilles Deleuze e Félix Guattari, *Qu'est-ce que la philosophie?*, Paris, Minuit, 1991, p. 9. [“amigo [...] da sabedoria, do verdadeiro, do conceito” DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1993, p. 10.]

<sup>14</sup> Heidegger, op. cit., p. 23. [“recolhe” “o ente no ser” HEIDEGGER, Martin. *Que é isto – a filosofia?* Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Editora Pensamento, 1971, p. 26-27]

do arcaico. Sobretudo, ocupamo-nos de um gesto complexo: designação da figura individual, multiplicável, do quase-sábio – retomada daquilo que o faz tal pela substantivação posterior de *filosofia*, que lhe torna, então, potencialmente no-fora do círculo dos adeptos do companheiro dos sábios passados. É necessário lembrar que, ao mesmo tempo, os *sofistas*, e a *sofística*, partilham uma pressuposição (*nós não estamos mais na era dos sábios*) e jogam com o nome de *sophos* para melhor designarem-se?

Tal como a relato, esta história (grega) de filosofia, o que ela convida-me a acrescentar? O elemento helênico da filosofia, eu diria, mais que a etimologia ou os “grandes textos”, consiste neste movimento duplo, *definindo a separação* para com uma sabedoria presente em numerosos pontos do mundo, e *prometendo uma relação de amizade*, de companheirismo, fabricando novamente os sábios quando eles não mais existem. Esta recreação da sabedoria não se trata de uma reconstituição: ela repousa sobre uma paixão, um modo de vida, uma persistência, sobre hábitos em partilha, sobre *maneiras*, em suma, aquilo que torna possíveis as amizades. “A” filosofia constrói-se em torno do *quase*, e não é exatamente certo que ela preencha as lacunas, ou as faltas.

Segundo a aventura da sua nomenclatura, a *filosofia* grega visa aos sistemas de aquisição de uma sabedoria posterior, semelhante à iniciática. Platão tematiza-a e problematiza frequentemente. As ligações entretidas pela sua doutrina com os episódios de revelação (a palavra de Pítia, o mito de Er, veja-se a *théôria* e os recursos às imagens dos “mitos”) indicam um corte, como uma convivência. Também, a célebre sentença sobre o fato de “admirar” [*s'étonner*] no “início da filosofia”<sup>15</sup> situa a *arkhè* no *thauma*, ao mesmo tempo maravilha, prodígio, milagre, e toma distância na postura subjetiva da interrogação sobre o extraordinário. Eu creio que uma larga tendência à obra na “filosofia grega” (ao menos de Heráclito ou Xenofonte, a Plutarco e Sexto Empírico) responde a um forte desejo intrincado: sistematizar o acesso a uma sabedoria nova, a despeito da involucrante *Sophia* que não nos *cabe [regard]* mais; em dever restar no assintótico *quase*, na medida em que nos dizemos filó-sofos e não *sophos*, sob pena de dissolução. *Sustèma* em grego refere-se aos grupos, aos conjuntos, às composições. Por oposição, o *sistema* da filosofia grega *teria juntados* os meios de um recurso reunido ao *logos* (linguagem, racionalidade, lógica, verbo, contagem). Este sistema deveria ao mesmo

<sup>15</sup> Cf. Platão, *Teeteto*, 155d, e Aristóteles, *Metafísica II*, 982b. [A saber: “Pois a admiração é a verdadeira característica do filósofo. Não tem outra origem a filosofia”. PLATÃO. *Diálogos*. Vol. IX. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Paraná, 1973. p. 37. & “Com efeito, foi pela admiração que os homens começaram a filosofar”. ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969. p. 40.]

tempo evitar sua perfeição – é possível ela? –, sendo em si a ostensão de uma ausência [*défaut*] não recuperável (a sabedoria dissipada).

Neste sentido, a sistematização grega não é senão uma rede de inferências, uma malha epidíctica, uma coerência de argumentos – ela é, inclusive, a exigência de uma rigorosa supressão intelectual, semelhante à edificação discursiva e da experiência do pensamento. Este intenso postulado ao sistemático e ao sistêmico é, desde já, limitado pela posição da filosofia, que não se suprime e não dura senão à condição de não lograr *devoir* seu objeto. O filósofo será um *sábio*, como espera Aristóteles, que foi mais longe na repartição e organização de sua obra, ele não será, justamente, o *sábio* – e o Estagirita desestabilizou a ambição de sua doutrina esotérica por esses diálogos exotéricos que nós não leremos. Nesta fábula que eu narro-lhes, há algumas páginas, *o sistema deve ser tentado ao passo em que lhe é necessário expiar*. Dos poemas didáticos aos diálogos na rua, da arquitetura dos tratados dogmáticos às narrações autocontraditórias (*O Fedro*) ou aporéticas (*O Lisis*), nós tentamos, como as *técnicas sistêmicas*, extremamente “sofisticadas”, arriscados em uma aplicação que apenas iguala a *produção do quase, desviando tão logo haja um cumprimento*.

Tudo isto é muito paradoxal. A filosofia ateniense viveu, frequentemente, às margens da Cidade, margens sociais com o descalço Sócrates ou o vagabundo Diógenes, e urbanas (a Academia, o Liceu, o Jardim). O paradoxo, a opinião à margem, faria, então, muito bem “sistema”. Como se trata de um lugar negativo, ou irônico, ou palinódia, ou discordante, não há senão poucas razões de assim continuar e de mensurar que a configuração social-teórica desapareça. À época helenística, o privilégio do dogmatismo, que encoraja a reação pirrônica, mostra que a parte demonstrativa não é mais percebida – e, sem dúvida, mais efetuada pelos herdeiros de Platão e Aristóteles – senão em uma visão *positiva*. No lugar de uma *sistemática confrontação com o sistema, obtida pelos meios deste*, os filósofos tendem a separar-se: *suspensão* por aqui (céticos), doutrina por lá (o professorado alexandrino), encarnação vital nos arredores (estoicismo). As consequências destas difrações são sempre sensíveis. O programa de uma falta [*manquement*] inerente à filosofia, sem lograr a renúncia, a denúncia, por sua vez, persiste.

“A filosofia francesa” seria, então, marcada por uma incompleta postulação ao sistêmico e ao sistemático. Em lugar de buscar todos os recursos e miná-los um a um (a la grega), em lugar de aderir à coordenação de sua exploração de conjunto (o alemão *Systematik*), em lugar de delimitar o sistemático a uma profissionalização do *analítico*, ela tentaria, antes disso, *ir em direção* – então, deter-se-ia em rota, ou tornaria pelo caminho, por medo, talvez, de solidificar-se, de

fossilizar-se, de perder-se em uma sabedoria, enfim, inumana. Daí a reputação de fraqueza, de incompletude [*inachèvement*], de amadorismo na filosofia francesa. Daí, ao longo dos últimos decênios, um grande sucesso de disseminação – às margens, justamente, da *filosofia*, veja-se em seus polos opostos. Sim. Talvez. Seria, então, insensato, desleal [*finasseur*], ou *inamistoso* perguntar-se ainda: não seria supremamente sistemático furtar-se, deste modo, dos sistemas?

#### 4 (Biográfico reflexivo)

Eu não sou um filósofo. Enfim, quase não. A menos que... Ousaria dizê-lo? Eu tenho, quanto à filosofia, este sentimento que vivenciaram os amigos dos sábios. Eu amo os filósofos, eu sou um companheiro exigente, crítico e fiel; mas eu não sou um dentre eles, não exatamente, não verdadeiramente – ainda que estas palavras coloquem-me em uma profunda perplexidade. Minhas amizades, eu disse-o em um livro,<sup>16</sup> são, às vezes, devastadoras. Eu gostaria de ser nomeado *amigo dos filósofos* (mais que *filo-filósofo*)? Querê-lo absolutamente, aferradamente, seria demasiado longe disso que quero significar. Chamem-me, então, como vocês quiserem. Isto compreende *filósofo francês*, visto que, de fato, a língua, a pertença à comunidade histórica, e a escola, e a tradição, etc. Entretanto, creio-me reinventando uma versão (francesa?), defasado, *post hoc*, da grega *filosofia* que me figuro.

Eu teria feito mal em designar numa palavra o que faço e desfaço. *Hipercrítica, indisciplina, amizade* são alguns termos transitórios para minhas maneiras de pensar, de amar, de viver (isto não é a mesma coisa, mas vai junto; um composto?<sup>17</sup>). Eu não diria que tenho uma filosofia, mas, talvez, seja este o caso. De uma maneira ou outra, eu cheguei a este ponto por causa, também, da filosofia francesa; aquela de Derrida, de Deleuze ou de Descartes e Pascal; aquela, contrariada, contrariante, de uma literatura que conta com Nerval, Maupassant, Bataille, ou Blanchot, e que se deduz tão bem do conceitual que Eurípedes fazia em grego. Digamos que este texto homenageia esta disposição, sem aí demorar muito tempo. Poderia ser também, que eu me recuse paradoxalmente a a filosofia, ou a *uma* filosofia, ou que eu a exprima e a arruíne.

Eu não falo em nome da filosofia, nem francesa, nem nada. Outros ocupam-se disso. Eu não quero nada mais proclamar em virtude de uma imperecível amizade (isto me entristece, mas os afetos ainda são mortais).

<sup>16</sup> *À force d'amitié*, Paris, Hermann, 2009. [Não há tradução].

<sup>17</sup> Sobre o composto, hipercrítica, indisciplina, leia-se, por exemplo, meu livro: *État critique de la littérature*, Paris, Hermann, 2009. [Não há tradução].

Eu gostaria apenas, no futuro, de perseguir as apostas epistêmicas de minha obra, que ela vincule-se a tal disciplina, tal discurso, tal língua, tal tradição – ou não. Eu pondero. Antes de qualquer coisa, seria, para mim, necessário *fazer de novo o pensamento vivível*. Este velho imperativo, que cada um deveria saber, parece-me obscurecido pela ensurdecadora vitória de uma escolástica profissional carregada pelas universidades tecnicistas, além de todas as destruições mentais que se conhece. Em seguida, o deportar de uma filosofia francesa em direção ao literário, movimento que se encerra infelizmente outra vez, e que faz eco aos recursos discursivos que mobilizavam os autores gregos, parece-me urgente insistir contracorrente na *performance do intelectivo*. Deixa-me estupefato que se mantenha a concepção de uma transparência entre palavras e ideias, isto é, zonas corticais. É uma das maiores regressões filosóficas (sendo o seu contraponto o logicismo conceitual). Descartes e Aristóteles que diziam *l'organon* conforme tinham uma escritura que negava prontamente o seu credo. Os partidários contemporâneos da contemplação sem véu, da luz cialítica da grande razão, buscam, eles, destruir sua palavra para alinharem-se. Se tal é a filosofia, estive exilado dela por muito tempo. Não é o caso de lançar-se ao neo-pirronismo, nem de subscrever ao relativismo, como se faz crer frequentemente. Não. A performance do pensamento implica que há experiência diferentemente reproduzível, não apenas informação; ela não é desculpa para nada fazer, ou para não mais decidir, não mais resolver, não mais ousar. Ela exercita, na própria expressão, a cultura de alguma coisa “de estrangeiro e de estrangeiro”, sem o que, segundo Aristóteles, nenhuma palavra valeria a pena de reter a atenção.<sup>18</sup>

O que eu vejo nesta performance, e não apenas, está próximo da imperfeição sistêmica. Parece-me que eu reencontro incessantemente uma defectividade. Eu não quero negá-la, adorá-la, capturá-la, banalizá-la; ela insiste. A questão “atual” da filosofia não é mais “o que é, mas o que pode ser”? Sim, talvez. Uma interrogação para mim, antes disso, é o *não-mais do ser*, e como, longe das oposições binárias ou desconstruídas, tudo isto que é vem, eu creio, a fazer-se defeito. Eu creio que as diferentes *dobras* do filosófico, e as pistas cruzadas, sob o gesto de um perfeito encerramento do conceito absoluto ou do sistema total, reagem face à difícil evidência do defeito. O tom destas filosofias vindo a faltar a elas mesmas e às suas exigências não seria senão esta incerta e contrária domesticação do incapturável. – Inclusive, mais e mais acho necessário engajar uma reflexão passando pela filosofia (e abandonando-a, sem dúvida) em uma *confrontação com os discursos heterológicos de verdade*

<sup>18</sup> Aristóteles, *Retórica*, III, 2, 3, 1404b.

*sistemática*, estes que se desenvolvem geralmente abaixo do index das “ciências”, pela via da métrica experimental, da gráfica e dos recursos às notações “formais”. O que um pensamento singularmente próximo da filosofia, não tão filosófico, pode fazer da construção científica do mundo? Em lugar de ir buscar um arqui-dizer matemático, eu vejo dar-se conta da experiência, através da “Física” também, da *tomada* do real. Esta tomada não se resume ao que nós (des)construímos mental e verbalmente, ela parece também proceder do *inconstruível*, que nos atenta sempre – e escapa-nos tão logo o apreendemos. Em suma, o defeito não é privilégio de uma linha textual, de uma disciplina, de um saber, de uma disposição de *espírito*. Mas aquilo a que nós participamos, assistimos, a cada vez que nós nos lançamos além do errar dado, o qual temos de escolher se tentaremos esquecê-lo, obliterá-lo, reduzi-lo, desenvolvê-lo, ou *trabalhá-lo*. – Diz um amigo dos filósofos.

## 5 (Elusivo)

A defectividade que incansavelmente obra nisto que nós tentamos dizer em pensamento, pela falta de nossas próprias palavras, sintaxes, disciplinas, convenções –, ela desdobrar-se-ia independentemente da linguagem, de uma maneira ou outra, desde que explode a estrela, morre o organismo, fissura-se a rocha, erra-se o código, esvazia-se o cheio, preenche-se o vazio.

O sistema do mundo é que “tudo isto” sustenta-se junto. O sistema do mundo é que “tudo isto” sustenta sem sustentar.

Não há regra, sistemática, do defectivo, antes disso, ocupamo-nos de uma recorrência empírica. Ela aparece implacável, quase estrutural, inerente, aqui, ao instante em que nós a apreendemos em uma previsão. Aí, não criamos o efeito *ex nihilo*, nem apenas o imaginamos em todas as peças: nós construímos a partir do inconstruível – com as consequências virtuais da desmontagem e reforço que se seguem. Nós refazemos o defeito, ao menos duas vezes, isto é, refazemos restaurando, esmerando, idealizando o *não-mais-ser* em seu conceito mesmo; e como nós refazemos repetindo-lhe, pois nossa descrição, sobretudo, linguística, e ela foi apenas “formal”, arrisca-se a vir, cedo ou tarde, novamente ao exame de sua falha.

Nula necessidade de uma *lei* da defectividade para sustentá-la e observá-la. É claro, pensar pela palavra é, novamente, querer contrariar o defeito. E, é claro, que o esqueçamos, então, ou não, seremos mais contrariados por aquilo que proferimos, apesar de tudo.

Seria necessário, de início, trapacear o sistêmico da refutação do sistema, como joga-se com os ganhos, contra os inconvenientes da

sistemática. Ser ardiloso como um filósofo grego, astuto como um francês, e mais que isso.

Designando-me no discurso que descreve o que se passa de real, animal, ou outro, eu sistematizo a *mínima*, visto que *eu tenho-me para com outra coisa* (a começar pelo eu, ou pelo não-eu mais radical). Eu furto-me também a uma sistematicidade transcendental que não seria senão meu objetivo descoberto. Recuso-me ainda a um sistêmico sub-reptício carregando o *todo* da tomada conjunta do mundo físico a *meu* efeito. O que me é menos certo, e mais inegável, reside na incapacidade inata do ser a ser. Desta constatação ambígua, que onera e permite sua evanescente dizibilidade, eu devo partir de novo.

A filosofia (nomeamo-la furtivamente francesa em resposta à língua que estou condicionado a falar, embora ela seja mais que um idioma) hesita entre diversos modos de domesticação: como regular o acaso desta obsessão impotente? O que não quero mais: a segurança do Todo, a interrogação perpétua, o escape pelo tecnicismo e pela especialização, a solipsista elegia de um outrora menos inquieto ou mais sábio. Tantas cogitações que, fazendo sistema, cada um é um, à sua maneira. E que, talvez, são a *filosofia*. Isto não me contentaria. A menos que uma outra figura, atravessada de esperanças como infinitos, de um labor e saber imensos, absolutamente paradoxal, possa continuar a inspirar.

Descosendo algumas costuras de palavras e discursos, atravessando os usos e práticas estranhas, eu tento pensar aquilo que não posso e, ainda, tudo aquilo que posso; amar como sei as promessas, os logros, os meios dos caminhos dos filósofos; e de obrar. Isto a que tenho, e que, aqui, gostaria de deter-me.

(Tradução de *Jerônimo Milone* (Mestrando, PPGFil, PUCRS) e *Gabriela Jaquet* (Bolsista CNPq de IC, História, UFRGS)

**Endereço postal:**

Cornell University  
Paper/Campus Mail  
240 Goldwin Smith Hall  
Department of Comparative Literature  
Ithaca, NY 14853-3201

Data de recebimento: 10/07/2013

Data de aceite: 12/07/2013